



República de Moçambique
Província de Niassa
Governo do Distrito da Mueembe

PLANO LOCAL DE ADAPTAÇÃO DO DISTRITO DE MUEMBE



MUEMBE, AGOSTO DE 2017

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO GERAL

Rafael Machirica- Secretário Permanente Distrital

EQUIPE TÉCNICA DISTRITAL

Idrissa Mohamede-Secretaria Distrital

Ismael Marcelino Costa Pedro- SDAE

Luciano Chaibo- SDSMAS

Rachide Iassido Gline-SDEJT

Lucas Saíde-SDPI

EQUIPE TÉCNICA PROVINCIAL

Júlio Afonso- DPTADER

Emília Orlando- DPTADER

Alice Maponda- DPTADER

Olga Salvador-DPEF

Engels Nhica-ESTAMOS

Flora Punduma-ESTAMOS

EQUIPE TÉCNICA DO NÍVEL CENTRAL

Saíde Anlaue-OXFAM

Rosalina Naife-MITADER

Índice

1. INTRODUÇÃO	5
3.1. Aspectos físico-geográficos	9
3.2. Aspectos Etno-culturais.....	10
3.2.1. Aspectos Históricos.....	10
3.3. Divisão Administrativa.....	10
3.4. Confissões Religiosas.....	11
3.5. Actividades de sustento	11
3.6. Acesso a serviços básicos e infra-estruturas.....	12
3.6.1. Saúde	12
3.6.2. Educação.....	12
3.6.3. Energia	12
3.6.4. Infra-estruturas de Abastecimento de Água	13
3.6.5. Vias de Acesso	13
3.7. Indicadores de bem-estar	14
4. VULNERABILIDADE CLIMÁTICA E CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO	15
4.1. Contexto actual	15
4.2. Perfil histórico	15
4.3. Calendário sazonal	17
5.AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE INSTITUCIONAL.....	21
6. PROJECCÕES CLIMÁTICAS	27
6.1. Mudanças climáticas e desenvolvimento do distrito.....	27
7. VISÃO E OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS.....	28
8. TEORIA DE MUDANÇAS: DAS ACTIVIDADES E A VISÃO DEFINIDA.....	29
9. PLANO DE ACÇÃO.....	32
DOCUMENTOS CONSULTADOS.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

MITADER – Minitério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural

DPTADER – Direcção Provincial da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural

MAE – Ministério de Administração Estatal

DPEF – Direcção Provincial da Economia e Finanças

SDPI – Serviços Distritais de Planeamento e Infra-estruturas

SDAE – Serviços Distritais de Actividades Económicas

SDSMAS – Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social

SDEJT – Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia

PLA – Plano Local de Adaptação

ENAMMC – Estratégia Nacional de Adaptação e Mitigação às Mudanças Climáticas

MC – Mudanças Climáticas

EDM – Electricidade de Moçambique

FUNAE – Fundo Nacional de Energia

MLT – Mozambique Leaf Tobacco

BDPA – Batata de Polpa Alaranjada

Movitel – Moçambique – Vietname telefonia

Mcel – Moçambique Celular

1. INTRODUÇÃO

Nos dias actuais, as Mudanças Climáticas constituem um grande desafio para o desenvolvimento de Moçambique, dado a sua ocorrência com frequência e intensidade progressivas. Desastres influenciados em grande medida pelas mudanças climáticas tem afectado negativamente os esforços do governo e seus parceiros de desenvolvimento no sentido de reduzir a pobreza e produzir um futuro mais próspero para os moçambicanos. Em função disso, o governo aprovou, em Novembro de 2012, a Estratégia Nacional de Adaptação e Mitigação às Mudanças Climáticas (ENAMMC) que delinea as principais áreas de intervenção visando tornar o país resiliente às mudanças climáticas.

O plano de acção da estratégia determina que, o país deve focalizar a sua atenção no desenvolvimento de resiliência ao nível local, criando para isso instrumentos e intervenções práticas que permitam os distritos e suas comunidades estejam mais fortalecidos para fazerem face às mudanças climáticas.

O Plano Local de Adaptação (**PLA**), surge como instrumento de operacionalização da ENAMMC, por outro lado como instrumento de apoio e de integração das questões de mudanças climáticas nos Planos de Desenvolvimento de Distrito (PEDD) e, descreve as vulnerabilidades climáticas e capacidades locais para fazer face as mudanças climáticas assim como as limitações das capacidades locais (distrito) de adaptação e mitigação.

No planos locais de adaptação, os distritos e as comunidades desenvolvem ainda a sua visão de desenvolvimento num contexto de mudanças climáticas e delineiam intervenções necessárias para alcançar esta visão de desenvolvimento.

É no contexto referido nos parágrafos acima que o Distrito de Muembe elaborou o presente Plano Local de Adaptação (PLA). O distrito é assolado por eventos extremos como: chuvas e ventos fortes, irregularidades de chuvas, pragas e doenças, que têm afectado negativamente os esforços de desenvolvimento do Governo e seus parceiros. A sua localização geográfica e a disposição do relevo contribuem na redução das forças do ciclone que tem assolado o país, chegando ao distrito em forma de ventos fortes.

2. METODOLOGIA DA ELABORAÇÃO DO PLA

A elaboração do presente plano teve como base o guião de elaboração de planos locais produzido pelo extinto MICOA, actual MITADER. O guião apresenta um conjunto de dez (etapas) que vão desde da preparação do trabalho de campo até a avaliação final do PLA. O processo de elaboração iniciou com a criação duma equipe técnica de elaboração do PLA composta por técnicos do nível Distrital, Provincial e Central dos sectores de planificação e ambiente.

A equipe foi liderada pelo secretário permanente do distrito e integrava 5 técnicos do nível Distrital, 6 técnicos do nível Provincial (DPTADER) e 2 técnicos do nível Central (MITADER).

A primeira actividade da equipe foi a capacitação dos técnicos do Distrito sobre o processo de recolha, análise de dados assim como a recolha de informação adicional sobre o perfil do distrito ; desenhar um plano de actividades, focalizando os aspectos físico-naturais e socio-económicos cuja análise permitiu identificar a vulnerabilidade climática assim como oportunidades para o desenvolvimento local resiliente.

A informação contida neste plano, foi encontrada em documentos estratégicos do distrito como Perfil do Distrito 2014, Plano de Desenvolvimento do Distrito (PEDD), Relatório Balanço das campanhas agrícolas 2016 á 2017 bem como do Governo Distrital e comunidades locais seleccionadas.

O levantamento de base foi realizado usando as ferramentas de análise de vulnerabilidade climática e capacidades (**CVCA**) desenvolvida pelo CARE e pelo uso de Teoria de Mudanças. No **CVCA** foram usadas cinco ferramentas nomeadamente: a matriz de vulnerabilidade, o perfil histórico, o calendário sazonal, a análise institucional/diagrama de Venn e o mapeamento de recursos e riscos.

Assim, (I) **O perfil histórico** analisou os principais eventos que marcaram a história da zona e permite observar a frequência e intensidade de eventos ao longo dos anos; (II) **A matriz de vulnerabilidade** analisou as principais actividades de sustento, as ameaças a que estas estão sujeitas e medidas tomadas ao nível local para fazer face; (III) **O calendário sazonal** analisou a variação intra-anual de principais ameaças que afectam as comunidades; (IV) **A análise institucional** mapeou os principais

actores que operam nas comunidades, seu tipo de intervenção e as sinergias entre os diferentes actores e (V) **O mapeamento** permitiu identificar a localização geográfica, dentro das comunidades, dos vários recursos físicos e naturais existentes assim como as principais ameaças que existem em cada região da comunidade.

Em adição a informação do nível do distrito foram efectuados levantamentos na comunidade de Ligogolo, localidade de Chiuanjota pertencente ao Posto Administrativo de Chiconono e comunidade de Lutuesse, no Posto Administrativo de Muembe-Sede.

A escolha das localidades, teve em conta o facto de apresentarem diferenças na vulnerabilidade das mesmas aos eventos extremos.

As localidades de Chiuanjota e Lutuesse são susceptíveis aos mesmos eventos, nomeadamente a chuvas fortes, ventos fortes, Irregularidade de chuvas, pragas e doenças.

O levantamento feito nas localidades seleccionadas **obedeceu as cinco ferramentas do CVCA** (perfil histórico, calendário sazonal, matriz de vulnerabilidade, análise institucional/diagrama de Venn e o mapeamento de recursos), que alimentaram a construção da Teoria de Mudança. As medidas de adaptação propostas pelas comunidades assim como as respectivas TdM foram cruzadas e harmonizadas com a matriz desenvolvida na sede do distrito para resultar numa teoria única de mudança (TdM), que espelhasse a visão da sede e das comunidades.



Figura 1: Momento da recolha de dados na Localidade de Lutuesse

No final da harmonização foi possível traçar os objectivos estratégicos e as respectivas acções de adaptação. Com a implementação das acções de adaptação estabeleceu-se indicadores de produto e metas desejadas para medir e avaliar as mudanças derivadas das intervenções de adaptação.

Foi construída uma matriz para o processo de monitoria e avaliação que não considera apenas o indicador de produto mas outros níveis identificados durante o desenvolvimento da TdM. O sistema de monitoria e avaliação do PLA é baseado na matriz que mostra para cada objectivo estratégico: as actividades a serem implementadas, o indicador de produto, a mudança no nível de resultado, o respectivo indicador e as mudanças de nível de impacto e seus indicadores. O sistema também deve ter os dados de base e as metas estabelecidas.

Foi igualmente usada uma matriz para avaliar a capacidade institucional para responder as mudanças climáticas. Esta matriz procura avaliar as capacidades em 8 áreas de interesse nomeadamente:

- (i) Integração das mudanças climáticas na planificação;

- (ii) Coordenação inter-institucional;
- (iii) Financiamento;
- (iv) Capacidade técnica;
- (v) Uso de informação climática na planificação e implementação de projectos;
- (vi) Planificação flexível e visionária;
- (vii) Participação dos vários grupos de interesse nos debates sobre o desenvolvimento do distrito,
e
- (viii) Sensibilização e ligação com os parceiros para o assunto de mudanças climáticas.

A última fase da elaboração do Plano Local de Adaptação PLA foi a orçamentação das intervenções, organizadas por áreas estratégicas. Este quadro foi ligado às oportunidades de investimentos climáticos que o distrito poderá usar para mobilizar fundos de actividades de desenvolvimento que tenham em conta aspectos de adaptação às mudanças climáticas.

3. PERFIL DO DISTRITO

Esta secção apresenta um resumo dos principais aspectos físico-naturais e socioeconómicos do distrito. O objectivo é introduzir ao leitor os aspectos que concorrem para a vulnerabilidade e/ou resiliência do distrito. Informação mais detalhada sobre o perfil do distrito pode ser encontrada no Perfil do Distrito de Muembe de 2014.

3.1. Aspectos físico-geográficos

O Distrito de Muembe localiza-se na região Central da Província do Niassa em Moçambique, com sede na localidade de Muembe-Sede. Tem como limites:

- **Norte** – Distrito de Sanga, através do rio Luchiringo;
- **Sul** – Distritos de Lichinga e Majune, através do rio Luangua;
- **Este** – Distritos de Mavago e Majune, através dos rios Lutcheze, Luatize e Lucuisse;
- **Oeste** – Distrito de Sanga, através do rio Luchiringo;

O Distrito possui 2 Postos Administrativos, designadamente: Muembe-Sede e Chiconono. E conta com 3 Localidades, nomeadamente: Nzizi; Lutuesse e Chiuanjota, esta última, pertence ao Posto Administrativo de Chiconono.

A área de superfície do distrito¹ é de 5.824 km² e a sua população está estimada em 39.859 habitantes. Prevê-se que o distrito em 2020 venha atingir os 42.962 mil habitantes. (INE-2007) .

O clima predominante do distrito de Muembe é tropical e chuvoso, excepto na região de Chiconono (norte do distrito), onde é modificado pela altitude, apresentando temperaturas muito baixas.(Perfil do Distrito 2014).

O carácter tropical é dado pela existência de duas estações do ano: chuvosa e seca. A estação chuvosa tem a duração de aproximadamente 7 meses, começando em Outubro e terminando em Abril, com uma precipitação que varia de 1.000 a 1.800mm/ano. A estação seca principia em Maio e termina em Setembro.(Perfil do Distrito 2014).

3.2.Aspectos Etno-culturais

A população que vive no distrito de Muembe é maioritariamente Yao, Outras etnias incluem Macuas e Nyanjas, porém em número muito reduzido.

A população pertence à linhagem matrilinear, não diferindo da situação característica dos povos habitantes do Norte do rio Zambeze.

3.2.1. Aspectos Históricos

A guerra teve impacto directo sobre a distribuição da população do distrito. Durante o conflito armado, grande parte da população deslocou-se para as zonas de relativa segurança, com destaque para a sede do distrito e Posto Administrativo de Chiconono.

Com a assinatura dos Acordos de Paz, em 1992, a população regressou às suas zonas de origem ou, de preferência, este último facto deu origem a novas aldeias ao longo das principais vias de acesso.

3.3. Divisão Administrativa

O Distrito de Muembe, é constituído por dois postos administrativos, nomeadamente Chiconono e Muembe-Sede. E três localidades, Chiuanjota, Nzizi e Lutuesse (Governo do Distrito de Muembe).

3.6. Acesso a serviços básicos e infra-estruturas

3.6.1. Saúde

A rede de saúde do distrito é composta por 5 unidades sanitárias sendo quatro postos e um centro de saúde, apesar de estar a evoluir a bom ritmo, é insuficiente, evidenciando os seguintes índices de cobertura média: Uma unidade sanitária por cada 7 mil pessoas; Uma cama por 6.600 habitantes; e Um profissional técnico para cada 2.100 residentes no distrito.



Fig.2: Centro de saúde localizado na sede do Distrito

3.6.2. Educação

Da população com 15 anos ou mais de idade, 29% é alfabetizada e 43% das pessoas com 5 anos ou mais de idade, predominantemente homens, declararam no Censo 2007 que frequentavam ou já frequentaram antes o nível primário do ensino. A análise por sexos revela um melhor padrão de escolarização nos homens. (Perfil do Distrito 2014). O Distrito actualmente conta com 23 escolas, sendo duas do nível secundário, dez do EPC e Onze do EP1.

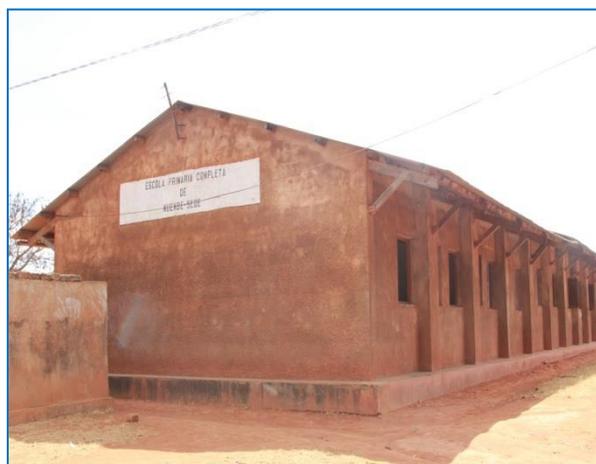


Fig.3: Escola primária na sede do Distrito

3.6.3. Energia

Composta por duas rede eléctricas EDM e FUNAE(Central fotovoltaica), com uma cobertura de 600 residências. A rede eléctrica da EDM, se expande desde a localidade de Lutuesse a Localidade de Chiuanjota.

3.6.4. Infra-estruturas de Abastecimento de Água

O Distrito conta com um Pequeno Sistema de Abastecimento de Água (PSAA) na vila sede, e uma rede de furos de água distribuídas por todo Distrito.

Actualmente o Distrito conta com 56 fontes das quais 46 Muembe sede e 10 no posto administrativo de Chiconono.



Fig.4: Fonte de água localizada na sede do



Fig.5: Pequeno sistema de abastecimento de água na sede do Distrito

3.6.5. Vias de Acesso

A rede rodoviária do Distrito, na época chuvosa no troço Mussa-Chiconono, é quase intransitável, devido a degradação da plataforma e à falta de manutenção consistente das rodovias e de algumas obras de arte e a inexistência de sinalização rodoviária, havendo casos que os transportadores e outros utentes em viagem para Muembe utilizam a via Lichinga-Malulu-Muembe, e com destino a Mavago preferem usar a estrada Lichinga-Mecualo-Mavago. O distrito enfrenta problemas de erosão nas vias de acesso devido a acção de ventos e chuvas fortes conjugados ao declive acentuado que a região apresenta.

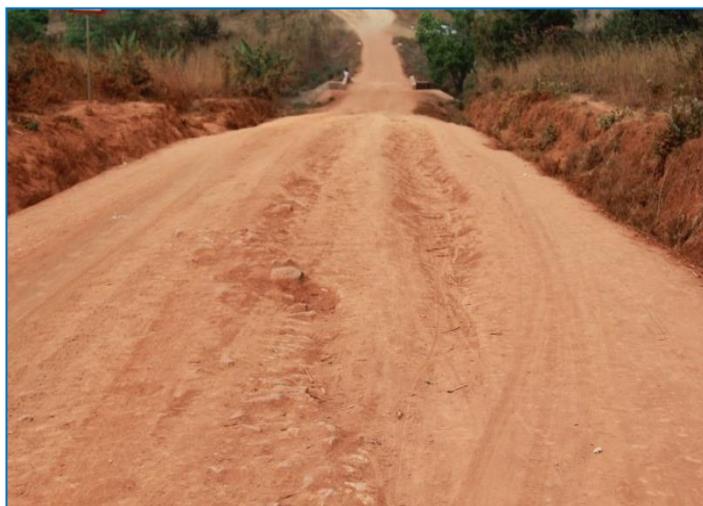


Fig.6: Via de acesso na sede do Distrito

3.7. Indicadores de bem-estar

Em termos de actividades económicas, agricultura é o ramo de actividade económica mais representada no Distrito, é feita principalmente pelo sector familiar que produz essencialmente milho, feijão, batata Reno, batata doce, amendoim e mandioca. Contudo, existem outras actividades como é o caso da exploração florestal, pesca, pecuária, comércio e produção de tabaco virginia.

Avaliando a campanha agrícola de 2016 a 2017, a média total de produção agrícola, é cerca de 37.877 ton de produtos, destacando-se a produção de milho com 22.360 ton, mandioca 8.604ton, batata reno 10.705 ton, batata doce 121.996 e feijões com 20.152 ton.

O número de técnicos da rede de extensão pública conta com 10 na presente campanha 2016/2017, onde tem assistido um total de 2.623 produtores, sendo (1.424 homens e 1.199 mulheres), pelos Serviços Públicos, dos 2.000 planificados contra 2.467 da campanha 215/2016. A base da assistência incide em metodologias participativas, como camponês a camponês e a troca de experiências entre camponeses.

4. VULNERABILIDADE CLIMÁTICA E CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO

4.1. Contexto actual

O distrito tem como actividade principal a agricultura, não obstante tem vindo a ser ameaçada pela acção de eventos naturais que tem vindo a influenciar negativamente no sucesso desta actividade. Dentre eles destacam-se os ventos e chuvas fortes, irregularidade da queda de chuva, pragas e doenças, como principais ameaças.

Segundo o estudo das alterações climáticas feito pelo INGC (2009), espera-se que até 2030, a precipitação aumente no norte de Moçambique em especial nos meses de Janeiro a Maio, com uma subida média anual de 15% e alterações mínimas ou localizadas na precipitação total anual.

As influências da subida do nível médio das águas do mar e das vagas resultantes das tempestades aparentam ter uma grandeza muito menor certamente até 2030.

4.2. Perfil histórico

De acordo com as informações recolhidas nas localidades seleccionadas (Chiuanjota e Lutuesse), verificou-se a ocorrência de diversos eventos climáticos, com maior incidência para chuvas e ventos fortes, com os respectivos impactos, sendo de destaque a destruição de culturas agrícolas, infra-estruturas habitacionais, escolas, perda de vidas humanas, entre outros, como ilustra a tabela abaixo.

Tabela1. Perfil histórico de Muembe

ANO REFERÊNCIA	DE	ACONTECIMENTO/EVENTO CLIMÁTICO	IMPACTO
1980		Ocorrência de Chuvas	<ul style="list-style-type: none">• Praga de Gafanhotos;✓ Destruição de culturas;✓ Fome a nível da comunidade.
1983		Ocorrência de Surto de Sarampo	<ul style="list-style-type: none">• Morte de muitas pessoas.
1985		Ocorrência de Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none">• Destruição de Habitações
1986		Ocorrência de	<ul style="list-style-type: none">• Morte de 7 pessoas da mesma família.

	Sarampo	
1997	Ocorrência de Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição de culturas; • Fome na comunidade.
1998	Frio Intenso	<ul style="list-style-type: none"> • Morte de animais; • Seca de culturas/fraco desenvolvimento de plantas
2000	Ocorrência de Chuvas Irregulares	<ul style="list-style-type: none"> • Fraca Produtividade; • Fome; • Nudez/doenças.
2014	Ocorrência de Chuvas e Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Morte de 6 pessoas
2009	Chuvas Fortes com Granizo	<ul style="list-style-type: none"> • Perada de culturas.
2015	Ocorrência de Chuvas e Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição do tecto da escola; • Destruição de residências; • Destruição de Culturas/Machambas; • Ferimento de duas pessoas. • Ocorrência de Cólera
2016	Ocorrência de Chuvas e Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorrência de Cólera • Morte de Pessoas; • Surgimento de viúvas/viúvos e crianças órfão
	Ocorrência de <i>New Castle (Chipindupindo)</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Dizimou galinhas
	Ventos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Destruição de habitações; • Retirada de tecto de escolas
2017	Maior produção e produtividade agrícola	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo preço de comercialização de produtos agrícolas (milho); • Baixo poder aquisitivo por parte da comunidade local/fraca capacidade de compra de material escolar e cuidados de saúde.
	Ocorrência de Chuvas	<ul style="list-style-type: none"> • Pragas <ul style="list-style-type: none"> ✓ Perda de culturas (batata-reno/doce)

Fonte: Autores, 2017.

4.3. Calendário sazonal

Tomando como base a informação recolhida nas comunidades, bem como no governo do distrito foi elaborada a tabela 2 abaixo onde pode se observar que o processos de preparação das actividades agrícolas realizam-se nos meses de Setembro à Junho acomodando a primeira e segunda época agrícola.

Tabela 2. Calendário sazonal

ACTIVIDADES	PERÍODO											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Preparação do solo												
Sementeira												
Sacha												
Colheita												
Comercio												
Pecuaria												
Artesanato				lenha e bambos			a e bambos					
Corte de bambu, capim, caniço, lenha e estacas												
Producao de carvao												
Fabrico de tijolo												
Caca												
Reflorrestamento												

Olaria												
EVENTOS												
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Ventos fortes												
Irregularidade das chuvas												
Chuvas Fartes												
Epidemias humanas (Tosse, diarreia com vômitos, malária, sarampo, ITS Epilepsia)												
Erosão dos solos												

Fonte:Autores, 2017.

De acordo com o quadro acima ilustra-nos que a preparação do solo tem sido realizado no período dos meses de Setembro a Novembro, porém tem sido influenciado negativamente pela queda irregular da chuva, não permitindo o melhor aragem das terras devido o estado rígido dos solos.

O processo de sementeira normalmente se realiza nos meses de Novembro a Dezembro como ilustra o quadro a cima, que por sua vez é afectado pela irregularidade da queda de chuva, comprometendo o estado fitossanitário das sementes, fazendo com que os agricultores façam a resemteira ou replantio, tornando oneroso o trabalho ao agricultor e por outro lado afecta negativamente a economia dos mesmos coadjuvado pela insuficiência de insumos agrícolas localmente, fazendo com que os agricultores se desloquem 70km para adquirir os insumos.

Após a sementeira arranca o processo da sacha ou remoção de infestantes/ervas daninhas dentro do campo. Esta actividade é afectada fortemente pela accao de ventos e chuvas fortes comprometendo de sobre maneira a produção, visto que os agricultores so realizam esta actividade apos o término dos eventos extremos.

O processo da colheita que ocorre nos meses de Maio a Junho e a última etapa da actividade agrícola após um ciclo completo da cultura em campo, por sua vez este é afectado indirecta e negativamente pela erosão que é provocada pela acção de ventos, chuvas fortes, desflorestação/remoção da cobertura vegetal dos solos e queimadas descontroladas. Este complexo de factores tem contribuído para a ocorrência da erosão, comprometendo desta forma o estado das vias de acesso para as zonas productivas e, pondo em risco o escoamento de excedentes reduzindo assim o fluxo de comercialização.

Tabela 3. Diagrama de Venn

ORGANIZAÇÃO	SECTOR DE ACÇÃO	LOCAL	Nível de Impacto
Governo do Distrito	Coordenar as actividades e implementar as políticas	Todo distrito	3
EDM	Energia	Todo distrito	2
FUNAE	Energia	Todo distrito	2
New Forests	Floresta, Educação , saúde	Comunidade de Ligogolo	2
Mozambique Leaf T	Agricultura,	Todo distrito	2
BDPA	Agricultura	Todo distrito	2
Movitel	Comunicação através da telefonia móvel	Todo distrito	1
Mcel	Comunicação através da telefonia móvel	Todo distrito	1
Florestas do Niassa	Floresta	Comunidade de Ligogolo	1
Fundação Malonda	Floresta	Comunidade de Ligogolo	1

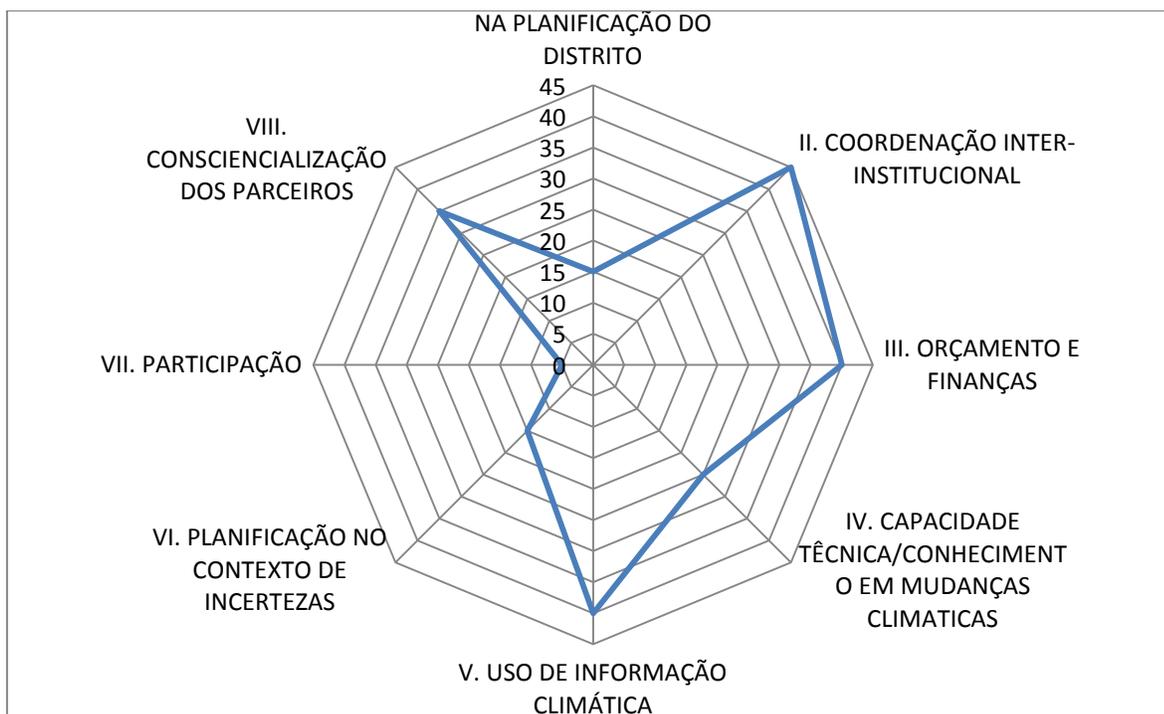
Fonte:Autores, 2017.

De acordo com os dados ilustrados no quadro acima, das organizações/instituições que intervêm dentro do Distrito, constata-se que o Governo do Distrito aparece como a instituição com maior acção no desenvolvimento do mesmo, seguida da EDM, FUNAE, New Forests, MLT e BDPA que actuam em sectores específicos como da Energia, Educação, Saúde, Floresta e Agropecuária porém não tem se verificado acções de impacto que contribuem ao desenvolvimento do Distrito por parte da Fundação Malonda, Florestas do Niassa, Movitel e Mcel.

5.AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE INSTITUCIONAL

A matriz de avaliação da capacidade institucional, resulta da informação disponibilizada pelo Governo do Distrito. De forma resumida pode-se observar que o Distrito não possuía até ao momento de elaboração do PLA um instrumento nem mecanismo de integração de mudanças climáticas na sua planificação, todavia, tem considerado aspectos de mudanças climáticas, no seu plano de acção para as campanhas agrícolas.

Por um lado, apesar de não possuir instrumentos e mecanismos para integração de MC, o Distrito possui acções que concorrem para a redução de gases de efeito de estufa, nomeadamente, centrais de produção de energia fotovoltaica, extensões áreas florestadas, respondendo desta maneira ao segundo pilar da ENAMMC (mitigação e desenvolvimento de baixo carbono). Por outro lado, mesmo não tendo um mecanismo de coordenação destas acções, os SDPI são responsáveis pela coordenação das acções de mudanças climáticas (adaptação e mitigação).



Fonte: Autores, 2017.

6. Matriz de Vulnerabilidade

Conforme a informação disponibilizada pelas comunidades seleccionadas e pelo governo do distrito na tabela 5 abaixo,, pode-se constatar que o distrito é muito mais vulnerável as chuvas fortes que surgem após um período irregular da sua queda, seguido ventos forte que assolam as actividades comunitárias identificadas com ênfase para a agricultura, exploração florestal (produção de carvão, exploração da madeira, artesanato), comércio, causando o acamamento de culturas por chuvas e ventos fortes, destruição dos fornos rudimentares para a produção de carvão, destruição das infra-estruturas de acesso, de comércio, habitacionais entre outros,

Efectuando uma análise integrada entre o Perfil histórico e a matriz de vulnerabilidade, as ameaças tendem a aumentar desde o ano de 2009 até ao presente ano de 2017, período de elaboração do PLA.

Tabela 5. Matriz de Vulnerabilidade

ACTIVIDADES	Eventos/Ameaças			
	Ventos fortes	Chuvas Fortes	Chuvas Irregulares	Pragas e doenças
Agricultura	2	3	2	3
Exploração Florestal	1	3	2	0
Comércio	2	3	0	2
pecuária	2	2	3	3
Produção de tijolos	0	3	2	0
Total por ameaça	7	14	9	8
Tendências das ameaças				

7. Matriz de capacidade e Medidas de adaptação

Uma vez identificadas as actividades influenciadas negativamente pelos eventos extremos/ameaças climáticas, foram estabelecidas medidas de adaptação junto das comunidades e governo do distrito, como estabelecimento de quebra ventos para reduzir a acção dos ventos sobre as comunidades, introdução do sistema de cultivo machambas em blocos nas áreas pouco afectadas ou livres da acção dos ventos e chuvas fortes, abertura de canais de escoamento das águas pluviais,

melhoramento das vias de acesso tendo em conta o factor resiliência das infra-estruturas, a criação de casas agrárias para tornar acessível as comunidades os insumos agrícolas tendo em conta as mudanças climáticas, a introdução de tecnologias de construção de fornos melhorados para a produção de carvão entre outras medidas como ilustra a tabela 6 abaixo.

Tabela 6. Matriz de Capacidades e Medidas de adaptação

Ameaça	Actividade	Accções de Adatação em curso	Limitações de Acções em Curso	Medidas de Adaptação Sugeridas
Ventos Fortes	Agricultura	Amontoa do solo na planta; Plantação de quebra ventos/cebes (árvores)	Insuficiencia de mudas; a falta de informação prévia sobre a ocorrência do evento para melhor preparar-se contra o mesmo	Incrementar o plantio de árvores (quebra-ventos); Criação de viveiros comunitários de quebra ventos, participação das empresa do ramo florestal no distrito para o fornecimento de mudas; introdução/estabelecimento de um sistema de aviso prévio
		Prática da agricultura em áreas pouco afectadas pelos ventos	Disperção das machambas	Implantação de machambas em blocos/Zoneamento das áreas de cultivo em zonas livres ou fraca da acção do vento
Chuvas Fortes		Colheitas das culturas em campo apos a maturacao fisiologica completa	Estradas danificadas/insuficiencia de celeiros melhorados para conservacao	Abertura e/ou melhoramento de vias de acesso para o escoamento da produção,treinamento das comunidades em materia de construcao de celeiros melhorados com base em material local resiliente.
	Abertura de dreno nas machambas,plantio em curvas de nivel, mobilidades para áreas com declives menos acentuados	Exiguidade de material de escavação, fraca disponibilidade de terrenos com declives menos acentuados	Criação de pequenas casas agrárias para venda de material básico para a agricultura e abertura de sistema de escoamento de águas pluviais	

		Produção em camalhões altos	Asfixiamento das culturas por excesso de água	Abertura de canais de drenos de águas
		Técnicas de cobertura viva do solo	Pouco conhecimento sobre a técnica de cobertura vegetal	Transferência de tecnologia sobre as técnicas agro-ecológicas(incluem a agricultura de conservação)
Chuvas Irregulares		Replante/Resemear das culturas, produção nas zonas baixas	falta de sementes, fraca capacidade de água nas áreas baixas, fraca disponibilidade destas áreas baixas	Criação de casas agrárias de pequena escala para o Provimento de insumos agrícolas e disponibilidade dos mesmos a preços acessíveis, construção de represas, diques, furos de água, sistemas de abastecimento de água multi-uso, Introdução de técnicas de agricultura de conservação .
Pragas/ Doenças		Uso de pesticidas, isolamento de animais doentes/contaminados	Aquisição de pesticidas fora do distrito, fraco poder de compra ,falta de infra-estrutura com condições apropriadas para o isolamento do gado doente/contaminado	Prover os pesticidas localmente, disponibilidade dos fármacos a preços acessíveis, transferência de tecnologias em diagnóstico rápido de doenças e melhoramento dos animais.
		Uso de sementes de variedade melhorada	Fraco poder económico	Disponibilização da semente melhorada a preço bonificado.
		Uso de celeiros não melhorados	Desconhecimento de técnicas melhoradas de fabrico de celeiros melhorados	Transferência de tecnologia em matéria de construção de celeiros melhorados, construção de armazéns e silos de conservação.
Ventos Fortes	Exploração Florestal	Proteção dos fornos contra acção dos ventos	Uso de material não consistente	introdução de novas tecnologias para a proteção, construção de fornos melhorados (casa Mansa).
Chuvas Fortes		Proteção dos fornos contra acção das águas através de construção de canais	Uso de material não consistente	Introdução de novas tecnologias para proteção, construção de fornos melhorados.

		de escoamento e barreira		
Chuvas Irregulares		Controlo do corte irregular da madeira	Insuficiência de fiscais florestais, fraco conhecimento das técnicas de manejo florestal	Aumento do numero de fiscais, florestamento e reflorestamento, promoção de técnicas de manejo florestal.
Pragas/ Doencas		Uso de pesticidas, retirada de plantas nao sadias (monda manual)	Insuficiencia de pesticidas	Prover os pesticidas localmente, disponibilidade dos farmacos a precos acessiveis, transferência de tecnologias em diagnostico rapido de doencas e melhoramento das plantas.
Ventos Fortes		Melhoramento da cobertura dos estabelecimentos comerciais	Falta de técnicas e material para a construção de infraestruturas resilientes as MC.	Capacitação sobre as técnicas de construção de infra-estruturas resilientes com material local ou misto.
	Comércio	Manutenção localizada das vias de acesso para o escoamento de produtos agro-pecuário, florestais entre outros; Cobertura dos celeiros com produto para a comercialização recorrendo ao uso material local.	Falta de material consistente para reabilitação das vias de acesso de forma resiliente, falta celeiros melhorados.	Construção de vias de .a acesso resilientes, estabelecimento dos canais de escoamento das águas pluviais , implementação das acções de combate a erosão, construção de celeiros melhorados, capacitação sobre técnicas construção de celeiros melhorados.

Pragas/ Doenças		Uso de técnicas rudimentares para o controle de pragas, uso de biopesticidas, controle de roedores nas áreas de armazenamento e protecção de produtos armazenados.	Fraca eficiência das técnicas rudimentares e dos biopesticidas, disponibilidade dos fármacos, preços altos para a sua aquisição, fraco conhecimento sobre o uso/aplicação dos fármacos.	Promover as técnicas de conservação da colheita em celeiros melhorados, a introdução de técnicas eficientes e amigas do ambiente no controle de pragas, sensibilização sobre as formas de uso/aplicação dos fármacos.
Ventos Fortes	Pecuária	Construção de curais não consistentes	Desconhecimento de técnicas de construção de curais melhorados.	Transferências de tecnologias no âmbito de construção de curais, Troca de experiência com potenciais criadores.
Chuvas Fortes		Construção de curais não consistentes	Desconhecimento de técnicas de construção de curais melhorados.	Transferências de tecnologias no âmbito de construção de curais, Troca de experiência com potenciais criadores.
Chuvas Irregulares		Percorem longas distâncias para o abeberamento do gado	Fontes de água distantes	Instalação de sistemas de abastecimento de água multi-uso para o abeberamento do gado.
Pragas/ Doenças		Isolamento dos animais doentes	Fraca capacidade de diagnóstico precoce dos animais doentes	Capacitação sobre diagnóstico rápido em doenças veterinárias e a disponibilização dos respectivos Kits de tratamento atempadamente, Construção de tanques caracidas
Chuvas Fortes	Produção de tijolos	Protecção dos fornos com cobertura vegetal.	Fraca consistência do material vegetal usado para cobertura.	introdução de técnicas de construção de fornos melhorados; Incentivar a construção destes fornos na base cobertura consistente para a protecção dos fornos.
Chuvas Irregulares		Conservação de água em pequenas poças.	Fraca disponibilidade de água.	Abertura de poços melhorados, construção de dique ou represas para a conservação de água.

8. PROJECCÕES CLIMÁTICAS

8.1. Mudanças climáticas e desenvolvimento do distrito

Efectuada a análise da informação do distrito contida nas ferramentas do CVCA correspondentes, verifica-se que o distrito é assolado pelos efeitos das mudanças climáticas, o que de certa forma influencia negativamente nas projecções de desenvolvimento do governo, comunidade e parceiros distritais.

Face ao parágrafo anterior, aliado as medidas adaptativas estabelecidas pelas comunidades o distrito perispectivou uma visão de desenvolvimento no contexto de mudanças climáticas, baseada no aumento da produção e produtividade não somente em benefício próprio como também do País no seu todo.

Para o alcance da perspectiva de desenvolvimento, o distrito tem como bases estratégicas o sector da agricultura, florestas, infra-estruturas de acesso e ainda o fortalecimento institucional.

Representando esquematicamente a visão e as bases estratégicas teremos:

VISÃO E OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS



9. TEORIA DE MUDANÇA:

Tabela 7. Teoria de Mudanças

SECTOR	ACTIVIDADES	(1)O que teremos quando esta actividade for implementada?	(2)O que teremos com o que resultou do quadrante anterior(1)	(3)O que teremos com o que resultou do quadrante anterior (2)	Sinais de Mudanças
Agro-Pecuária	Construção de represas	Armazenamento e disponibilidade de água	Irrigação dos campos e abeberamento de gado	Aumento da produção e da produtividade	Garantida a segurança alimentar e nutricional, Criação do excedente, garantida a comercialização, aumento da renda, aquisição de bens que refletem o bem estar da comunidade
	Criação de casas agrárias	Disponibilidade de insumos	Assegurada a campanha agrícola		
	Estabelecimento de canais de escoamento de águas pluviais resilientes	Definida a orientação do curso da águas pluviais e reduzida a probabilidade de arastamento de particulas de solo e culturas	Assegurada a campanha agrícola		
	Estabelecimento de sistemas de abastecimento de água multi-uso	Disponibilidade de água para diversos fins	Irrigação dos campos, abeberamento de gado e consumo humano		
	Introdução de técnicas agro-ecológicas	Abilitadas as comunidades sobre as técnicas agro-ecológicas	Maior aproveitamento das áreas agrícolas com fraca humidade e fertilidade		

	Disponibilização de sementes melhoradas	estabelecida a base para a resiliência de culturas	cultivo de culturas resilientes		
	Capacitação Institucional em técnicas agro-ecológicas	Estabelecidas as bases para fazer face as respostas de ordem técnica que permitem conciliar produtividade, sustentabilidade ambiental e MC	garantida resiliencia		
Florestal	Aumento do número de fiscais florestais	Maior abrangência e controlo das áreas florestais	conservação e preservação da biodiversidade	estabelecer os sumidouros	Aumento da capacidade de sequestro de carbono e da disponibilidade de produto florestal em qualidade e quantidade para comercialização
	Intensificação da fiscalização	reduzir fluxo de abate ilegal de produtos florestal			
	Promover as técnicas de manejo florestal para os sectores e comunidades	estabelecidas as bases para manejo florestal			
Capacidade Institucional	Capacitação institucional em técnicas agro-ecológicas	Criadas capacidade institucional para a implementação das técnicas agro-ecológica	transferência/disseminação de tecnologias	Prática de agricultura resiliente	Distrito resiliente aos eventos extremos

	Capacitação institucional em técnica de construção de infra-estruturas resilientes com material local ou misto(habitações, celeiros entre outros)	Criadas capacidade institucional para construção de casas, escolas, estabelecimento e outras resilientes	transferência/disseminação de tecnologias	Construção de infra-estruturas resilientes	Distrito resiliente aos eventos extremos
--	---	--	---	--	--

Fonte: Autores, 2017.

10. PLANO DE ACÇÃO

O presente PLA comporta accoes de resiliência e de adaptacao do Distrito face aos eventos extremos, cujo horizonte temporal para a implementacao das mesmas é de 10 (Dez) anos, contando com um orçamento de **118.302.000,00Mt** (Cento e dezoito milhões, trezentos e dois mil meticais), como detalha a tabela abaixo.

Tabela 8. Plano de Acção.

Sector: Governo Distrital / SDAE / SDPI													Orçamento (10 ³) = 12.300,00MT				Actividade proveniente do PEDD			
Área de actividade: Agro-Pecuária																				
OE1: Fortalecimento da Actividade agro-pecuária																				
Programa do Governo: Mudanças Climáticas																				
Nr	Acção de despesa	Indicador de Produto	Meta	Plano /ano										Localização	Beneficiários da Acção	Orçamento	Fonte de Financiamento	Responsável		
				I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X							
1	Construir represas	Nº de Represas construídas	20	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	Todo Distrito	População local	2.000,00	OE/Parceiro	SDAE	Não
2	Construir casas agrárias (provedores de insumos) de pequena escala	Casas agrárias construídas	4		1		1		1			1			Localidades de Nzizi, Chuanjota, Luturese e Muembe Sede	Consumidores locais	6.000,00	OE/Parceiro	SDAE	Não

Sector: Governo Distrital / SDAE														Orçamento (10 ³) = 100.802,00 MT				Actividade proveniente do PDD		
Área de actividade: FLORESTAS																				
OE2: Promover a Sustentabilidade da Exploração Florestal																				
Programa do Governo: Mudanças Climáticas																				
Nr	Acção de despesa	Indicador de Produto	Meta	Plano /ano										Localização	Beneficiários da Acção	Orçamento por Actividade	Fonte de Financiamento	Responsável		
				I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X							
1	Aumentar os recursos humanos florestais	Nr de recursos humanos florestais aumentados	8	2			2				2			2	Todo Distrito	Produtores	200,00	OE / Parceiros	SDPI	Não
	Intensificar a fiscalização	Nr de fiscalizações intensificadas	240	60			60				60			60	Todo Distrito	Todo Distrito	36,00	OE / Parceiros	SDAE	Não
	Promover técnicas de manejo florestal para os sectores e comunidades	Nr de técnicas de manejo florestal para os sectores e comunidades promovidas	10	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	Todo Distrito	Todo Distrito	200,00	OE / Parceiros	SDAE	

Sector: Governo Distrital / SDAE / SDPI													Orçamento (10 ³) = 200,00 MT					Actividade proveniente do PEDD			
Área de actividade: EXTENSÃO RURAL																					
OE3: Fortalecimento da capacidade Institucional																					
Programa do Governo: Mudanças Climáticas																					
Nr	Acção de despesa	Indicador de Produto	Meta	Plano /ano										Localização	Beneficiários da Acção	Orçamento	Fonte de financiamento	Responsável			
				I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X								
1	Capacitar os técnicos em matéria de construção de infra-estruturas resilientes com material local ou misto(habitacões, celeiros entre outros	Nr de técnicos de construção de infra-estruturas resilientes com material local ou misto capacitados.	20	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	Todo Distrito	População local	200,00	OE / Parceiros	SDAE	Não

Sector: Governo Distrital / SDPI													Orçamento das Actividades (10 ³) =5.000,00 MT				Actividade proveniente do PEDD			
Área de actividade: Ambiente																				
OE4: Melhoamento das vias de acesso																				
Programa do Governo: Mudanças Climáticas																				
Nr	Acção de despesa	Indicador de Produto	Meta	Plano /ano										Localização	Beneficiários da Acção	Orçamento	Fonte de financiamento	Responsável		
				I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X							
1	Construir vias de acesso resilientes, estabelecimento dos canais de escoamento das águas pluviais, implementação das acções de combate a erosão.	Nr de vias de acesso resilientes, estabelecimento dos canais de escoamento das águas pluviais, implementação das ravinas combatidas.	2	1											Mussa a Nditi e Muembe sede a Sanga	População local	5.000,00	OE / Parceiros	Governo Distrital	Não

Fonte: Autores, 2017.

11. Sistema de Monitoria e Avaliação

Tabela 9. Sobre o sistema de monitoria e Avaliação

OEs1- Fortalecer a actividade Agro-pecuária				
Acção	Indicador	Meta	Dados de referência	Fonte de dados
Construção de represas	Nº de represas construídas	20	1	Governo do Distrito
Criação de casas agrárias de pequena escala	Nº de casas construídas	4	1	Governo do Distrito
Estabelecimento de canais de escoamento de águas pluviais resilientes	Nº de canais de escoamento construídos	300	0	Governo do Distrito
Estabelecimento de sistemas de abastecimento de água multi-uso	Nº de sistemas de abastecimento de água construídos	5	1	Governo do Distrito
Disponibilização de sementes melhoradas	Nº de toneladas de sementes melhoradas disponibilizadas	50		Governo do Distrito
Capacitação Institucional em técnicas agro-ecológicas	Nº de técnicos capacitados	50	10	Governo do Distrito
OEs2- Promover a sustentabilidade da exploração florestal				
Acção	Indicador	Meta	Dados de referência	Fonte de dados
Aumento dos fiscais florestais	Nº de recursos humanos florestais aumentados	8	2	Governo do Distrito
Intensificação da fiscalização	Nº de fiscalizações móveis	240		Governo do Distrito
Promover as técnicas de manejo florestal para os sectores e comunidades	Nº de técnicas de manejo florestal para os sectores e comunidades promovidas	10		
OEs3-Fortalecer a capacidade Institucional				
Acção	Indicador	Meta	Dados de referência	Fonte de dados
Capacitação institucional em técnicas agro-ecológica	Nº de técnicos capacitados	50	1	Governo do Distrito
Capacitar os técnicos em matéria construção de infra-estruturas resilientes com material local ou misto(habitacões e celeiros)	Nº de habitacões construídas	10	0	Governo do Distrito
	Nº de celeiro construídas	10	0	Governo do Distrito
OE4- Melhorar as vias de Acesso				
Acção	Indicador	Meta	Dados de referência	Fonte de dados
Construção de vias de acesso resilientes,	Nº de vias de acesso resilientes	160km	0	
implementação das acções de combate a erosão	Nº de acções de combate a erosão implementadas	40	0	

12. OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTO PARA ADAPTAÇÃO

Sector	Situação Actual	Potencialidades e sua cadeia de valor	Oportunidades
		Produção	
Agro-Pecuária	Na campanha agrícola 2016/2017, foram produzidas 76.962 ton de diversas culturas alimentares e 1.208ton de cultura de rendimento (tabaco Virgínia).	<p>O Distrito é detentora de um enorme potencial na produção das culturas de: Milho, Feijão, Batata Reno e tabaco Virgínia</p> <p>Devido a sua localização do na zona agro-ecologica (GR3) contem enormes potencialidades agro-climatericas para produção de culturas exóticas como: maçã, uva, liche, café, figo, trigo, citrinos, pimento preto e outras que requerem temperaturas amenas para o seu cultivo.</p> <p>Existência de cursos de agua permanente para a pratica de agricultura em todo ano.</p> <p>Existência de pastos suficientes para criação de gado bovino leiteiro e de corte, assim como pequenos ruminantes.</p>	<p>A localização do Distrito no corredor Cabo delgado-Niassa, propicia a entrada e saída dos produtos agro-pecuários e florestais. Outrossim a aproximação do Distrito com as fronteiras de alguns países vizinhos (Tanzânia e Malawi), constitui oportunidade para o incremento do negócio na região da SADC.</p> <p>A existência no Distrito de aquíferos pode propiciar a entrada de projectos para exploração de <i>água mineral</i> em Longolela.</p>
Florestal	O Distrito é detentor de uma vasta área de cobertura vegetal nativa, que comporta espécies madeiras de grande valor económico (Pau-rosa, Pau-ferro entre outras). Igualmente, operam no Distrito empresas florestais que fomentar as espécies florestais exóticas (Pinho e Eucalipto).	<p>As condições agro-ecológicas do Distrito, são propícias o desenvolvimento da silvicultura, com destaque para as seguintes espécies madeiras; pinho e eucalipto.</p> <p>Por outro lado, a área com floresta nativa, ainda pode ser considerada virgem, o pode condicionar a entrada no Distrito de grandes projectos na área florestal.</p>	Existência de lugares paisagísticos com beleza cénica para instalação de instâncias turísticas.

12. DOCUMENTOS CONSULTADOS

1. INE. *Projeccoes Anuais da Populacao Total Urbana e Rural dos Distritos da Provincia de Niassa*, 2007;
2. MICOA. *Guiao Metodologico para Elaboracao de PLA*. 2014;
3. MAE. *Perfil do Distrito de Mueembe*. 2004;
4. PESOD/2018 do Distrito de Mueembe;
5. Relatorios anuais e semestrais do Distrito de Mueembe, 2010-2017.

MUEMBE, AGOSTO DE 2017

APÊNDICE

Avaliação de capacidade institucional

PONTUAÇÃO CAPACIDADE INSTITUCIONAL DO DISTRITO		0	1	2	3	4	Evidências de Suporte incluir 2-3 frases
		N	25%	50%	75%	S	
I. INTEGRAÇÃO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA PLANIFICAÇÃO DO DISTRITO	1. Será que existe no distrito um plano/estratégia de como integrar mudanças climáticas no processo de planificação?						Não existe um instrumento de integração de mudanças climáticas porém, o SDAE no seu plano de acção para campanha agrícola 2016-2017 planificou actividades de mitigação aos efeitos das Mudanças Climáticas.
	2. Será que existe no distrito um mecanismo formal/legal que force que sejam integradas no processo de planificação do desenvolvimento do distrito acções ligadas às mudanças climáticas (adaptação e mitigação)?						Não existe um instrumento legal que possa forçar a integração das MC no processo de planificação do distrito, mas já existem noções sobre a matéria.
	3. Será que já terão sido identificadas e financiadas, no distrito, acções específicas de adaptação e mitigação às mudanças climáticas?						Foram identificadas e financiadas algumas acções de mitigação como é o caso da sub-estação fotovoltaica, plantações florestais, construção de represa.
	4. Será que as iniciativas/projectos de desenvolvimento que dependem ou estão intimamente ligados ao clima passam por um processo de avaliação sobre os riscos climáticos que correm?						Sim, pois o SDAE no seu plano de accao para campanha agrícola 2016-2017 planificou actividades de mitigação aos efeitos das Mudanças Climáticas.
	5. Será que existe no distrito algum mecanismo formal que define/obrigue que é preciso fazer avaliação de riscos climáticos e de definir medidas de redução dos mesmos desde a identificação, priorização, implementação e avaliação de projectos?						Existe um mecanismo que direciona a possível realização de estudos de avaliação dos impactos ambientais que por um lado concorem para a avaliação e mitigação de riscos climáticos em função do tipo de projecto a ser implantado

II. COORDENAÇÃO INTER-INSTITUCIONAL	1. Existe no distrito uma instituição responsável para coordenar as acções ligadas às mudanças climáticas?					SDPI
	2. Ligado a 1, se existir, será que esta instituição responsável tem alta autoridade sobre outros sectores e direcções?					Esta instituição trabalha em coordenação com SDAE
	3. Terá sido definido um mecanismo institucional para coordenação e implementação de acções ligadas as mudanças climáticas?					Não foi ainda definido o mecanismo institucional para a implementação e coordenação de MC
	4. Existe algum financiamento ou certeza de vir a existir um mecanismo de financiamento para suportar a coordenação institucional?					Estando dependente de uma futura planificao no sentido de ambas instituições traçarem planos de coordenação em relação a mitigação aos riscos climáticos
	5. Será que existe um contacto regular entre o órgão responsável pela coordenação e outras direcções distritais e sectores relevantes?					Existe, tornando possível a coordenação inter-sectorial dentro e fora do Distrito
III. ORÇAMENTO E FINANÇAS	1. Existe um fundo para pilotar iniciativas ligadas as mudanças climáticas(e.g. adaptação, desenvolvimento de baixo carbono, etc)?					Não há conhecimento da existência deste fundo
	2. Existe um fundo no distrito para ajudar a integração de mudanças climáticas nos planos?					Não existe o fundo para auxiliar a integração das MC nos planos Distritais
	3. Existe ao nível do distrito a capacidade para fazer avaliação dos custos ligados as medidas sugeridas para fazer face as mudanças climáticas?					O Distrito possui um planificador/globalizador da informação
	4. Existe no distrito dinheiro para financiar intervenções ligadas as mudanças climáticas?					O Distrito não possui recursos financeiros para intervenções ligadas a MC

					como é o caso da disseminação das ramas de batata doce de plopa alaranjada.
	2. Será que o processo de planificação leva em consideração as projecções climáticas futuras que estejam disponível através das redes/parcerias que o distrito tem?				O distrito tem levado em consideração tendo em conta que já vem disseminado informações no seio das comunidades sobre o fenómeno para que tenham consciência em relação a pressão sobre o meio ambiente e ecossistema.
	3. Será que o distrito tem acesso suficiente à informação produzida globalmente por organizações internacionais (ex. IPCC, institutos de pesquisa, etc) sobre mudanças climáticas?				O distrito tem tido informação parcial em relação a este assunto,carrecendo de informação por parte dos midias.
	4. Será que o acesso e uso de informação externa referida no ponto anterior é complementado com o uso de informação gerada dentro do país incluindo o conhecimento local/tradicional?				De alguma forma parcial, não satisfazendo o conhecimento empirico/tradicional existente no Distrito
	5. Será que existe ao nível do distrito a capacidade de interpretar e fazer uso da informação climática existente (ex. fazer avaliacao de vulnerabilidade, planificacao por cenarios, etc)				Existe capacidade no Distrito, mas ainda deficiente carrecendo de recursos humanos capacitado
VI. PLANIFICAÇÃO NO CONTEXTO DE INCERTEZAS	1. Sera que a planificação do distrito é baseada nas projecções climáticas onde for possivel e necessario usar?				E deficitária planificacao em função das projecções climáticas
	2. Será que o processo de planificação usa o exercicio de planificar por cenários tendo em conta projecções climáticas incluindo a possibilidade de surgirem novas ameaças ou intensificarem-se/expandirem-				É deficitária a planificação em função das projecções climáticas

	se os actuais?					
	3. Será que a planificação leva em conta a possibilidade de impactos negativos das intervenções e como mitigar isso (i.e. Plano B)?					A planificação não leva em conta a possibilidade de impactos negativos das intervenções, isto é não tem o plano B em relação as mudanças climáticas.
	4. Existe algum mecanismo de planificação que permite que a planificação seja actualizada sempre que há novas informações sobre mudanças climáticas (i.e balanços, reuniões ordinárias e extra-ordinárias) ?					Tem sido realizadas reuniões em funcao da ocorrência do risco climático com vista a trazer soluções para mitigar
	5. Será que o processo de planificação é flexível para acomodar incertezas e novas coisas?					A planificação não tem tido uma abordagem dinâmica de modo a acomodar novas incertezas
VII. PARTICIPAÇÃO	1. Será que todos os niveis de governação (distrito até comunidade) estão representados no processo de planificação?					Durante a planificação todos os níveis não são representados no processo, devido a exiguidade de recursos
	2. Será que os os diferentes actores chave no desenvolvimento do distrito (ex.comunidades, sector privado, ONGs, sociedade civil) estão representados no processo de planificação e tomada de decisão no distrito?					Os diferentes actores durante este processo de planificação não tem representação durante a tomada de decisão
	3. Será que a participação dos diferentes grupos mencionados acima é constante ao longo de todo o processo de planificacao e implementação (portanto, desde do principio ate ao fim?)					Os diferentes actores durante este processo de planificação não tem representação

	4. Será que os grupos mais vulneráveis, e que poderão ser afectados de forma bastante negativa pelas mudanças climáticas, estão representados no processo de planificação e tomada de decisão no distrito?				Os diferentes actores durante este processo de planificação não tem representação durante a tomada de decisão
	5. Será que as decisões que são tomadas reflectem as discussões e os anseios dos grupos mais pobres e marginalizados?				As decisões tomadas não tem refletido os anseios da maioria (sugiro omissão)
VIII. CONSCIENCIALIZAÇÃO DOS PARCEIROS	1. Será que os parceiros estão conscientes das potenciais consequencias das mudanças climáticas?				Os parceiros tem consciência em matéria de mudanças climáticas, sendo que tem vindo a colaborar com as instituições de tutela na disseminação de informação relacionada a MC
	2. Será que os parceiros estão conscientes das potenciais medidas ou até medidas já existentes de resposta as mudanças climáticas?				Os parceiros tem consciência em matéria de mudanças climáticas, visto que tem realizado actividades com vista a mitigar os efeitos, e caso de reflorestamento para o sequestro de carbono .
	3. Será que informação relevante sobre mudanças climáticas chega aos parceiros chave (ex. sectores bastante sensíveis ao clima?)				A rede de informação existente permite o fluxo de informações entre sectores sensíveis ao clima
	4. Existe um mandato institucional para se promover e disseminar informação sobre mudanças climáticas (ex. os riscos, os impactos, opções de resposta, etc)?				A disseminação de informações ligadas ao clima tem sido parcialmente levado a cabo pelo SDAE em colaboração com o SDPI
	5. Existe financiamento garantido para o trabalho de disseminar informação sobre mudanças climáticas aos parceiros chave e ao público como um todo?				Não esta garantido o financiamento para a divulgação de informações ligadas a mudanças climáticas, aliado ao facto de esta abordagem ser novo no

